Correio das Artes

Ano I Número 27 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 25-9-1949

CAMUS E O EXISTENCIALISMO

OSMAR DE AQUINO

O FASCISMO, e a guerra, que dele decorreu, isolou os intelectuaes em compartimentos estanques. Cada homem de pensamento falava somente para o seu grupo, a sua região, ou quando muito, para a zona de influência politica do seu país. Aqui no Brasil ficámos atreitos aos escritores americanos e inglêses, ou a um ou outro intelectual europeu que emigrou, em tempo, para os Estados Unidos ou para a Inglaterra. Da França, onde, sem duvida, se concentram os melhores intelectuais, os mais finos, pelo menos, com toda a profundeza los alemães, mas sem aquela tremenda complexidade que empanturra o espirito alemão, da França, nada nos vinha, a não ser, vez por outra, livros de reportagens de guerra.

Havia, com efeito, um completo isolacionismo intelectual. Pode-se dizer, sem nenhum exagero, que a atual geração dos homens de trinta anos não entrou em contacto com os pensadores europeus-exceção feita dos da Inglaterra ou apenas, teve esse contacto uma minoria porventura mais devotada aos problemas da ciência ou da literatura. Talvez decorra desse isolacionismo intelectual muita ortodoxia marxista tão deformadora como toda ortodoxia, porque ás concepções fascistas só se opunham sem critica nem correções, o pensamento marxista. Apenas, de raro em raro, um Lebret ou um Ducatillon, escapando á invasão fascista da Europa, punha um pouco de sobriedade e de luz sobre a grande questão de filosofia politica do marxismo e do ante-marxismo.

Vamos saindo, agora, dessa clausura mental. Já os livros franceses, por exemplo, nos chegam, e bem apresentados. No Rio, algumas livraria quasi que só expoem livros franceses. E não só livros; conversamos aqui constantemente com escritores franceses em carne e osso; ouvimo-los de viva voz, sentido-lhes as reações, sem os artificios da palavra escrita.

Agora mesmo acabo de ouvir Albert Camus, na Associação Brasileira de Imprensa, numa conferencia em que revelou um acentuado espírito existencialista, a despeito de ter negado terminantemente qualquer filiação á chamada filosofia de Sartre. O que ele disse, com efeito, é que o mundo não está sabendo viver a sua vida, é que esta geração não olha seus próprios problemas, preocupando-se só e só com os problemas das futuras gerações. Culpa Camus, por isto, inclusive, o espirito marxista.

Viver é, para o outro de "La Peste", a questão soberana. Viver o tempo, o minuto, a hora, o dia. Viver a sua geração. Não será isto puro existencialismo?

Talvez Camus negue sua posição existencialista, porque essa palavra, inclusive na França, tomou o sentido de uma atitude social e até de um comportamento dos instintos.

Existencialista passou a significar certos modos de vida, como escrever no St. Germain des Prés ou no "Flore", ou dar evasão a recalques em clubes SOI DISANT existencialistas.

Ele mesmo lastima tratar-se com tanta leviandade uma pesquisa

MULTIDÃO

ALUISIO MEDEIROS

NO PEITO A ANSIA
INCONTIDA ANSIA
DE ENCONTRAR A ESPE-
[RANÇA
DESEJADA TANTO.

NA BOCA O GRITO
GRITO DE ALEGRIA
PELO TEMPO SUSTADO
DA VITORIA ALCANÇADA
NOS LABIOS O BEIJO
BEIJO TERNO E LONGO
AS CRIANÇAS QUE PASSAM
MADRUGADA QUE CHEGA.

NO PULSO A CORAGEM
A FIRMEZA DE AÇO
DE ARREBENTAR MURA-
[LHAS
E O FUTURO LEVANTAR.

NO PASSO A CERTEZA
NUNCA DUVIDADA
DE ALCANÇAR O AMANHÃ
E TUDO TRANSFORMAR.

filosofica séria como é o existencialismo, "que remonta a Santo Agostinho e cujo metodo" é de uma riqueza impressionante". Mas, logo após esta declaração, e temeroso de ver-se nela uma atitude existencialista, apressa-se em explicar que "as semelhanças que costumam notar entre os trabalhos de Sartre e os meus, correm naturalmente pela felicidade ou infelicidade de vivermos numa mesma epoca e em face de problemas e preocupações comuns." o que é uma explicação nada convincente, sobretudo tendo-se em vista que o existencialismo é sobretudo um metodo.

Bem: em tal sentido, isto é, no sentido "LEVIANO", não é existencialista Albert Camus. Mas, no ponto de vista estritamente filosofico, não me parece outra sua posição. Pelo menos, não foi outro o espirito que orientou o pensamento manifestado em sua notavel conferencia na Associação Brasileira de Imprensa.

De resto, Camus pertenceu áquele grupo de intelectuais existencialistas de que fez parte Henri Lefebvre. E é exatamente Lefebvre quem nos conta, numa obra recente, o encaminhamento da maioria desse grupo do existencialismo ao marxismo. Conta-nos tão viva e profundamente, esse processo de transformação intelectual que quasi temos dele uma impressão emotiva, vivendo-o como se dele fossemos participantes. "Le existencionalisme" é uma especie de reportagem filosofica ao mesmo tempo que uma critica filosofica, o que lhe dá uma alta nota de originalidade. Pois Lefebvre coloca o autor de "La Peste" entre os existencialistas.

Após a conferencia de Albert Camus, saí com o escritor e pintor Luis Jardim ao "Pardelas", onde costumámos, ás tardes, por vezes, uiscar e conversar, ele, Newton Freitas, Rubem Braga, eu e, vez por outra, SIMA, como Jardim chama a Simeão Leal. Jardim, logo de primeiro WHISKY, desatou o espirito, ou melhor, Jardim desatou-se, porque todo ele é espirito, e só espirito. Sim, viver seria a grande e unica solução. E Camus, nos labios de Jardim, passou a ter proporções bliblicas. Porque, com efeito, chegou a encontrar na Biblia, que ele considera o maior dos livros, a idéia precursora do existencialismo. Mas, ahi Eustaquio Duarte observa que Jardim, com seu EXISTENCIALISMO, apenas deriva recalques. Por exemplo: não pensa em termos futuros, refugiando-se da angustia de não ter filhos, o que o torna, segundo ele próprio, em casa, uma criança, sem poder usar a gravata ou a camisa nova, em dais communs, ou nunca podendo chegar a horas incertas da noite.

Não tem esta cronica (si quiserem colocar nela um lugar comum de modestia), não tem esta despretenciosa crônica, escrita ás pressas, sartreanamente, numa mesa de café, o menor intuito de uma apreciação critica do existencialismo. E para evitar duvidas aos menos avisados, declaro aqui, entre parenteses: não sou existencialista. Escrevi-a sob a impressão da conferencia de Camus e de um telegrama que leio num jornal, deixado á mesa, e no qual se anuncia que Thomas Mann, achando tudo muito mau, muito sombrio, só consegue viver pelo refugio da imaginação. "E grande a impotencia da humanidade diz Mann, no seu discurso de setenta minutos, ao agradecer a concessão do premio Goethe. Como poderá ela sair das atuais dificuldades economicas, politicas e intelectuais, sem conflito, sem explosão? Confesso que si não tivesse o refugio da imaginação, eu não saberia como viver".

No fundo, o grande choque entre as correntes do pensamento contemporaneo, no conceber os problemas do mundo, é um choque de imaginação. Um choque de imaginação, que resulta num choque de PROCESSUS para o mesmo fim, que é viver. Ha uma nota de existencialismo em todas as concepções de vida. O alegre Camus, vendo o mundo muito bem, porque os homens terão de viver, em ultima analise, sua própria vida, ou o cético Thomas Mann, não encontrando saida para as crises humanas o asceta e o boêmio, no fundo, o que procuram é viver... segundo sua imaginação.

A vida individual se reduz assim; a um fenomeno de imaginação.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

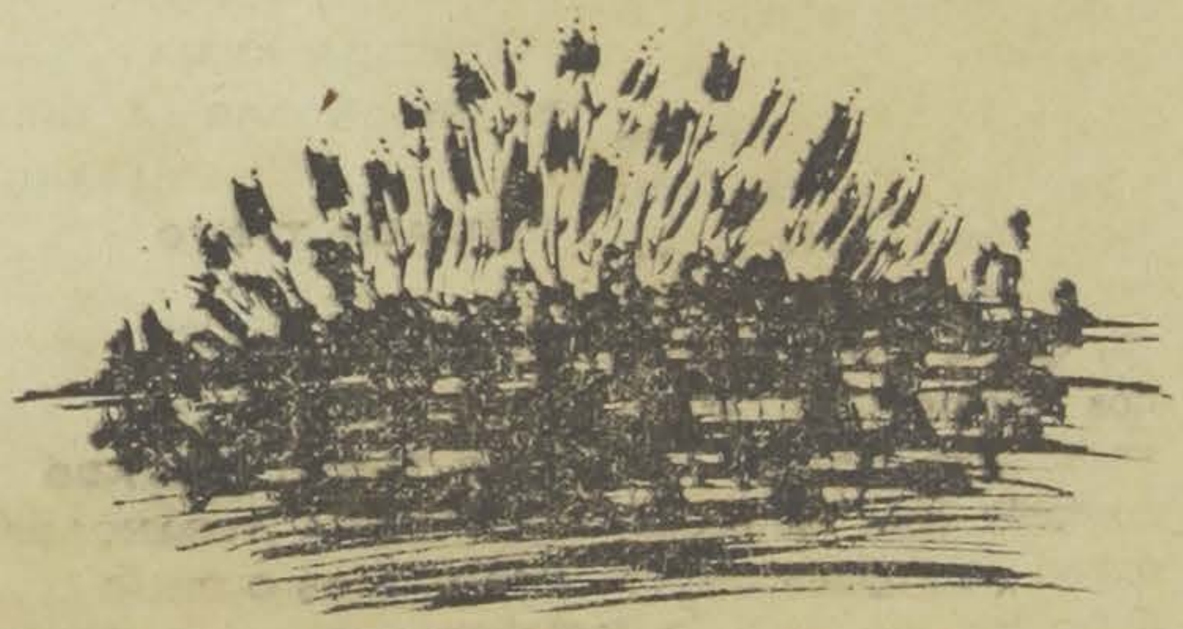
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

CARTA DE AMOR

A MAIS antiga carta de amor é, sem duvida a que a esposa de Putifar mandou ao casto José para seduzi-lo, redifida em escrita egipcia. Esta ultima, no agrupamento ornamental de seus sinais em que as vogais emudecem, com suas evocações de consoantes sugeridas por imagens simbólicas, possui sempre qualquer coisa de hieroglifo mágico, de dissimulação florida, de espiritual mascarada logogrifica, criada expressamente para a redação de recados amorosos, onde as palavras mais diretas ganham um aspecto material". Pois até êsse material da mensagem foi reconstruido por Thomas Mann que, no livro VII de "José no Egito", oferece aos leitores os proprios hierogrifos da carta com curiosissima explanação



A CRISE DO MUNDO MODERNO

HILTON MARINHO

Em abono da crendice quasi sociológica do axioma "a História se repete", — temos no campo da política internacional um reavivar ou recrudescer da crise Balcânica, como sintomas claros e precisos, bem definidos na sua amplitude e intensidade, de uma nova catástrofe universal, uma terceira grande guerra.

Núvens escuras, ainda para nos servirmos de uma expressão bastantes usada, se avolumam sôbre o sul da Europa, autorizando os prognósticos sombrios dos jornais, dos boateiros profissionais ou dos sencionalistas amadores. Realmente, o decorrer de um ano apenas, trouxe sensíveis modificações no moral das populações de quasi todas as latitúdes, fazendo-as evoluir para uma compreensão da guerra como ocorrência absolutamente inevitável e necessária, se antepondo de maneira ostensivamente antagônica a aquele espírito de carência de paz, que vinha sintomatizando a psicologia das populações do após guerra.

Êstes fátos e acontecimentos últimos, vieram concretizar as previsões e vaticínios dos sociologos e filósofos que defencem a tese da crise do mundo moderno, crise esta resultante, do amadurecimento necessário para uns, do fim cíclico, para outros, da nossa muito louvada e superestimada civilisação ocidental.

O professor Sorokin, autor da famosa teoria dos ciclos culturais sucessivos, tem tido nos últimos acontecimentos uma concretisação daquela advertência, antecipada, para não dizermos profética, exposta em 1928 e 1937 nos seus magníficos trabalhos "Contemporary Sociological Theories" e "Social and Cultural Dynamics" e reafirmada em 1944, no "The crisis of our age" quando o professor de Harvard afirmou: "Contrariamente à opinião dominante naquele tempo, afirmava eu, nas mesmas obras, que as guerras e revoluções não desapareceriam, mas antes cresceriam, no século vinte, a um ponto absolutamente sem precedentes, parecendo mais iminente e formidável do que nunca; que as democracias estavam em declínio dando lugar a várias espécies de despotismo; que fôrças criadoras da cultura ocidental estavam fenecendo e se esgotando, e assim por diante"

A realidade presente, bem observados os conflitos e agitações que nos envolve a cada passo, nos obriga a refletir nas advertências que nos faz um Sorokin, ou ainda um René Guenon, se não quizermos incorrer no êrro grosseiro daquele "peior cégo"...

Procurando ainda dozar de lírico otimismo as nossas observações, admitindo mesmo a questão russo-iugoslava como não sendo capaz de provocar um novo conflito, que a Paz ainda seria preservado, somos entretanto forçados a acreditar que afastado o início de uma nova guerra da hora presente, não teríamos alcançado mais que protelar o inevitável.

Por outro lado, se recusarmos como explicação do irremediável da guerra que se avisinha, estes fatores mais ocasionais que essenciais, tais como, conflitos de imperialismos, choques econômicos e políticos etc., vamos procurar nas teorias sociólogicas e filosóficas, as verdadeiras causas determinantes, imperativas por fôrça de suas próprias naturezas, responsáveis pela crise atual.

Partindo de um exame preliminar que consiste numa digressão histórica as formas das civilisações passadas, vamos encontrar neste nosso retrocesso, bem delimitados em seus caracteres essenciais, as várias fases da cultura humana, representadas nas civilisações que antecederam à nossa, a atual. Observadas cada uma á sua vez, se nos mostram em ciclos de vida semelhantes a dos organismos humanos, com períodos de nascimento, infância, maturidade, declínio e morte; determinismo idêntico ao que preside a vida dos sêres animados se faz sentir na existência das civilisações.

Muitos diagnósticos tem surgido procurando explicar a natureza da crise atual, uns para corrigir, outros somente anunciando o fato, sua evolução, seu existir. Alguns se indentificam com o fenômeno, atingindo suas causas, outros se perdem nos sintomas, adicionando mais confusão ao problema.

Ao estudarmos as téses de Sorokin e Guénon, para só falarmos nestas, sabido que outras inúmeras existem, verificamos que, embóra diferenciadas na fórma, reconhecem como causa essencial da decadência do mundo moderno, a crise moral do homem de hoje.

Realmente, bem podemos aceitar esta indicação como fator principal da crise presente e colher da História dados concretos em abono desta afirmativa. As crises das civilisações passadas sempre ocorriam ir-

OLEO DE MARIO ZANINI

manadas à decadência moral das populações, aparecendo esta como característica da fáse que lhe encerrava o ciclo evolutivo e vital. Assim sucedeu com a civilisação greco-romana, com a dos Faraós no antigo Egito ou ainda com a assírio-babilônica.

Inegavelmente, a bôa conduta moral do homem no âmbito social, determina a instauração de um ambiente de paz construtiva que se reflete no progresso geral da comunidade. O reconhecimento da necessidade de preservar as normas éticas, como base da cultura dos povos, foi uma das preocupações dos pensadores antigos, até o aparecimento da escola empírica na Filosofia. Bacon reclamava contra a demasiada preocupação dos antigos filosófos em aprimorar a moral do homem, emprestando-lhe um quasi exclusivismo, que considerava prejudicial ao progresso material da Sociedade. Entretanto, a decadência moral atingia os grupos sociais, logo que as vozes acauteladoras dos filósofos moralistas decresciam de intensidade. Os fatos posteriores sempre justificaram a existência de um Catão, em dado momento da vida de uma comunidade.

Convém salientar, que os povos nos primórdios de suas civilisações, quando começavam a evoluir em cultura e aprimoramento técnico, eram possuidores de rígida formação moral e acentuado espírito de religiosidade. Á medida porém que se acentuava o progresso material, quando ocorria o acúmulo de riquezas, permitindo o luxo e o uso desabusado da fôrça do dinheiro, ultrapassando em intensidade o desenvolvimento espiritual das populações, advinha para o grupo civilisado a decadência dos costumes, o desaparecimento das normas éticas e consequentemente o fim do ciclo cultural ou da própria civilisação.

A crise atual, bem examinados os seus caractéres e estudada á luz da História, pode ser considerada como essencialmente moral. Não é decadência de uma parte da civilisação, a Ocidental, como o queria Spengler, mas sim, da moral do homem moderno, habite êle o Ocidente ou, o Oriente. Se no passado as crises se circunscreviam a determinadas civilisações, quando atingiam elas determinado ciclo de cultura e progresso, na atualidade, o desenvolvimento dos meios de transporte e difusão, criaram a universalisação da cultura e consequentemente da própria crise.

Embora os povos se dissociem nas formas políticas dos seus govêrnos ou nos aspectos religiosos de suas crenças, na realidade, o intercâmbio existentes entre eles, arrastou-nos ao ciclo de maturidade da civilisação, quasi simultaneamente. Caminham agora os componentes da civilização, universal dos nossos dias, atingido que foi o cultural da maturidade, como bem o caracteriza a crise das normas éticas, para o fim natural de todas as civilisações.

Acreditamos que uma outra sucederá á atual, embora em processo lento, dado a reação da nossa agonisante cultura sensitiva.

Julgamos, entretanto, necessário, revalorizar o homem restituindo-lhe os predicados morais e espirituais, tornando-o apto a iniciar uma nova sociedade, um novo tipo de vida e civilisação.

E' necessário acreditar no imprescindivel desta mudança, para superarmos os nossos vícios e os nossos êrros do passado e reiniciarmos a marcha para o futuro.

CORREIO DAS ARTES

Tenho recebido regularmente, por gentileza do seu orientador Edson Regis, o suplemento literário do jornal paraibano A UNIÃO.

E' um suplemento que tem nome próprio, indicando que se vai constituindo entidade autônoma e deixa de ser um simples aumento de páginas às edições costumeiras do jornal. E isso é simbólico: mostra uma conquista de terreno, ao mesmo tempo em que indica o papel que a imprensa diária tem sido forçada a fazer em nossas terras — o de substituir a imprensa especificamente literária. Poetas e contistas tiveram de recorrer aos diários porque não havia outro meio de difundir as suas produções, depois que se acabaram as tertúlias e os salões. Vão, porém, pouco a pouco, reafirmando o domínio de seus territórios especiais — o da fantasia, ao lado do estudo desinteressado, longe das notícias de crimes e dos boatos políticos.

Com o seu nome de CORREIO DAS ARTES, o suplemento d' A UNIÃO deixa, a bem dizer, de ser um simples suplemento para ser uma revista.

E nessa transformação deixa ver entusiasmo e a seriedade com que na Paraíba continuam a ser encaradas as coisas de artes e letras.

Não há apenas uma revelação de nomes novos. Há também uma reafirmação de nomes conhecidos desde muito. Há um convite a escritores das mesmas diretrizes ou das mesmas gerações que escrevem em outros pontos do país, mas, além disso, há uma aceitação cordial da colaboração que chega do interior. E com isso — numa fidelidade digna de louvor aos moldes que os nossos suplementos literários têm apresentado ultimamente aqui no nordeste, — a publicação paraibana é uma verdadeira revista em cujo manuseio sempre encontramos o que apreciar, confirmando a evolução que a existência do nome próprio dava a entender e a tradição de trabalho e talento dos artistas e escritores paraibanos.

LUIZ DELGADO

"O TEMPO E O VENTO"

O CONSAGRADO romancista brasileiro Erico Verissimo, o inspirado criador de Olívia e Clarissa, vem dando o que fazer ás rodas literarias, diante o seu silencio. O publico exige nova produção intelectual do autor de OLHAI OS LIRIOS DO CAMPO. E agora parece que o romancista gaúcho vai quebrar o seu silencio, pois, segundo se noticia, entregou ás oficinas da GLOBO os originais do seu novo livro O TEMPO E O VENTO. Uma historia passada no Rio Grande do Sul, cuja realização Erico Verissimo afirma que sempre receiou. "E' o livro que eu sempre tem escrever" — afirma o grande escritor brasileiro.

CADERNO DE NOTAS

CARLOS DAVI

"Que de choses si tristes existent, c'est le défaut de la terre qui les porte... On dit qu'elles sont nécessaires et éternelles et je ne comprends pas bien pourquoi".

Jean Cassou

HENRI MASSIS no seu segundo volume de *Jugements* (1) dedicou um estudo ao romantismo da adolescência, onde fala de Roger Martin du Gard que havia acabado de publicar os dois primeiros volumes do "roman fleuve" *Les Thibault*, onde fala também do *Silbermann* (2) de Jacques de Lacretelle, romances que nos põem em face dos "enfants terribles", seresinhos revoltados, marcados desde a infância por uma tara qualquer, ou, simplesmente, meninos artistas, grandes sensibilidades, gurís incompreendidos que exclamam como o André Gide pequeno:

— Je ne suis pas pareil aux autres! Je ne suis pas pareil aux autres! (3).

E os "enfants terribles" povoam a literatura francêsa moderna, sendo talvez o marco inicial *Les faux monnayeurs*, de Gide. Antes, os pequenos heróis eram como René, de Chateaubriand, meninos com paisagem, o que de certo modo falta a Bernard Profitendieu, falta aos "enfants terribles" de Cocteau. Meninos encarcerados em si mesmos, sem outra paisagem que a sua interior, do sub-sólo, para usar a expressão dostoievskiana. É sôbre êles que decorre a primeira parte dos *Thibault*, na aventura dos piás fugidos, Jacques e Daniel, episódio cuja lembrança durará todo o romance. Sôbre os "enfants terribles" escreveu o nosso Octavio de Farias nos primeiros volumes da *Tragédia Burguêsa*. São pequenos heróis românticos como os de Dickens, mas que ousam fazer o que não se atreveriam os do novelista inglês.

Apaixonante êste tema do romantismo da adolescência. Não é só a facilidade que a memória permite ao romancista, mas principalmente a *paixão da infância*, tempo de sonhos, de imaginação sofrida, — que conduz muitos escritores a esta preferência. Raul Pompéia, no *Ateneu*, fixou muito bem o tipo de um menino nervoso e sensível, hostilizado e incompreendido pela maioria dos colegas. Modernamente, José Lins do Rêgo descreveu a infância de Carlos Melo que é mesmo a infância do romancista paraíbano e também um pouco a de todos os meninos do norte. Mas êstes são meninos, e os adolescentes vamos encontrar nos volumes da *Tragédia Burguêsa*, de Octávio de Faria.

É certo que êstes meninos e êstes adolescentes não são muito sadios, não vivem a mesma vida dos outros nem se limitam à realidade satisfeita de tantos, e, sim, vivem em tôrno de si mesmos, ignorados pelos que os rodeiam, donde a *confissão*, transbordamento natural de uma alma sensível, que Massis não hesita em comparar ao "désis des femmes de se raconter, de se plaindre..."

Não sei até que ponto vai a simpatia ou a antipatia do crítico de *Jugements* pelas "históires de collégiens", "récits qui. (...) décrivent les misères de l'âge ingrat", quando escreve:

"... faveur, presque exclusive qui porte les jeunes écrivains d'aujord'hui à romancer leur "inquiéte" puberté — car c'est bien plutôt cet état physiologique, cette crise oú le masculin et le féminin se confondent, oú les instincts prennent le dessus, oú le raisonnement lui-même est tout affectif, *c'est bien plutôt cet état informe oú le médicin, plus encore que le psychologue, aurait son mot à dire*, (o grifo é meu) qui suscite leur activité litéraire". E caberiam aqui, contra a ciência de Massis, as palavras de Lina, a personagem fantástica de Çassou, em "Les Harmonies Viennoises" (4), que coloquei como epígrafe desta primeira nota.

x x x

Roberto Alvim Corrêa era para mim um brasileiro enamorado da França, uma criatura que sabia um pouco de tudo e uma presença cheia de encanto, dado a sua amabilidade e afeição pelos "novos". A gente perto dêle esquece o editor famoso de Mauriac, Du Bos, Maritain, Grabriel Marcel e outros francêses célebres, para sómente sentir um coração amigo, que deve também ser o confidente de quantos privam com êle. Devo agora a *Anteu e a Crítica*, o seu livro de ensáios saído o ano passado em edição José Olympio, um contáto mais aprofundado com o crítico. Passei uma semana lendo e relendo os estudos de *Anteu*, máu grado umas apostilas que os exames punham na minha frente, e tão impressionado fiquei pela mensagem do escritor que, me valendo do nosso rápido conhecimento, me aventurei a enviar-lhe o "diário" de um leitor de *Anteu e a Crítica*, carta comprida de um tímido que recebeu logo outra em resposta... Isso aconteceu em dezmbro de 48. Agora, tornando a folhear o livro (há pouca coisa comparável ao gôzo que dão a releitura de livros que nos tocaram, que trazem na margem a prova das nossas emoções) de novo me encontro diante desta sensibilidade aguda, dêste comentador da poesia, solitário um pouco à moda de Suarés, que passeia pelos poetas, pelos romancistas, pelos críticos, fazendo aquilo que Anatole France dizia, na sua *Vie littéraire*: "Le bon critique est celui qui raconte les aventures de son âme au milieu des chefs-d'oeuvre". O que não significa estabelecer a distinção entre o bom e o ruim, mas, como escreve André Rousseaux, mostrar que *"ceci est une rose, cela est une ortie"* (5). E o prof. Alvim Corrêa é um artista que nasceu fatalmente para o ensáio, para a crítica, para a *explicação do belo*, quer seja um poema, uma tela, um romance... Êle tem um estilo mágico que sugestiona a gente e que é capaz de tornar as coisas difíceis, a psicologia de um Proust, por exemplo, em coisas que nos parecem de fácil apreensão. E neste lavrar-lento que é falar de poesia sem embromar, nisto Roberto Alvim Corrêa é um mestre; possuindo mesmo um vocabulário de valôres que o torna talvez o maior agudo crítico de poesia da nossa literatura moderna.

x x x

Não sei se a denominação de "novo" assenta para Edson Nery da Fonseca, êste fiel amigo da poesia, como o chamou Murilo Mendes. Nery parece querer fugir a ela e acho isto muito bom, porque anda por aí uma libertinagenzinha literária, arrazadora, *paraísma* (6) pululante que recebe o nome de movimento dos novos e que assume o mais das vêzes os ares da atrevida ignorância. Nery parece fugir a êle, não fôsse vem soltando e que serão possívelmente um dia um Nery um dantas... Os constantes *apontamentos* que jornal de um leitor de bom gôsto, provam esta qualidade dirícil e por isso mesmo rara entre os nossos companheiros de geração (tão bonito se falar já em geração!! Ficamos assim importantes...) que é a honestidade intelectual. Pode-se dizer isto sem fazer mal a ninguém porque por tôda a parte os "novos" são bem recebidos, bem acarinhados, e há muito amor da parte dos "veteranos" pela gente. Também, um convívio espiritual e

físico revelam as notas críticas de leitura de Edson Nery, porque existe um convívio físico com os livros, embora muita gente ignore ou despreze. Sente-se nos "Apontamentos" (7) um intimismo, uma vontade, em que o autor se torna logo dêstes interlocutores queridos, raros, que elegemos para o nosso "entretien sur faits divers" (8).

x x x

(1) — 2.º volume, Plon-Nourrit, Paris, 1924.

(2) — Existe uma edição brasileira; no original francês: Améric-Edit., s.d...

(3) — *Si le ne murt*, NRF, Paris, 1928.

(4) — Éditions Émile-Paul Fréres, Paris, 1926.

(5) — *Littérature du Vingtiéme Siécle*, 1er. tome, p. 19, Albin Michel, Paris, 1934.

(6) — Vd. Manuel Bandeira, *Crônicas da Província do Brasil*, "A nova Gnomonia", Civilização Brasileira S|A — Editôra, Rio, 1937.

(7) — Atividade literária de E.N.F. no suplemento literário do *Diário de Pernambuco* e *Região*, Recife.

(8) — Jean Paulhan, NRF., Paris, 1945.

"O Deserto e os Números"

Acaba de sair, no Rio, o livro do poeta pernambucano Edson Regis — O Deserto e os Números.

Bem viva está a poesia que, assim tão solenemente fala pela alma do poeta, surgindo sem relutancia, para que alcance o culto das meditações.

Edson Regis é filho de Timbaúba, vindo daquela paisagem de onde despontou este outro poeta — Odorico Tavares. Ambos modernos, no bom sentido do termo.

Faz pouco tempo foi Edson Regis sentir os ares da Paraíba e por lá vai ficando, mas, sempre convencido de que não se afastou da sua terra e tudo porque os paraibanos o acolheram maravilhados e tiveram as mais vivas provas da presença de um poeta entre eles.

E por mais que se ampliassem os campos e os braços acolhedores, para a presença de Edson Regis, tudo parecerá pouco para a terra que o tem agora como hospede.

Vale por tudo isto o "Correio das Artes", o suplemento literário d'"A União" que o Edson está dirigindo.

Vai aqui uma amostra d'O DESERTO E OS NUMEROS:

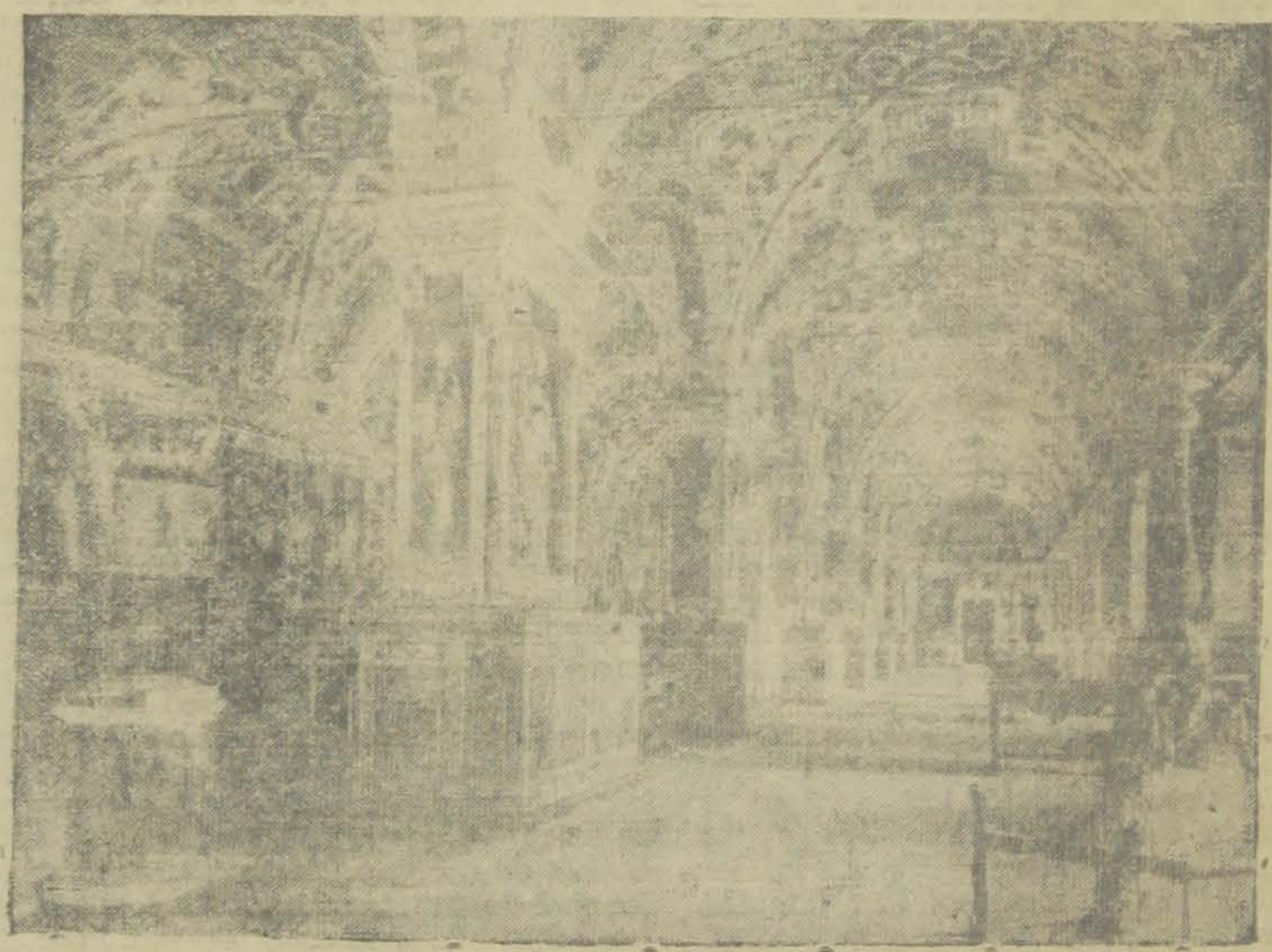
O antigo desespêro à minha [porta.
com a fôrça das grandes [tempestades.
aniquilando sonhos e vonta- [des
e as imaginações da idade [morta!

Entre as sombras do mundo [sem idades.
o vulto de um fantasma me [conforta.
mas em seguida minha face [corta
e me dissipa em cima das [cidades.

Tento pisar o céu distante e [puro;
profundo sono. E perco-me [no escuro
da noite e vou cantar no [amanhecer!

Mas quantas sombras pela [noite imensa
me desperdiçam na agonia [intensa
que mata minha voz logo ao [nascer!

Um poeta de 1949 — Cirano



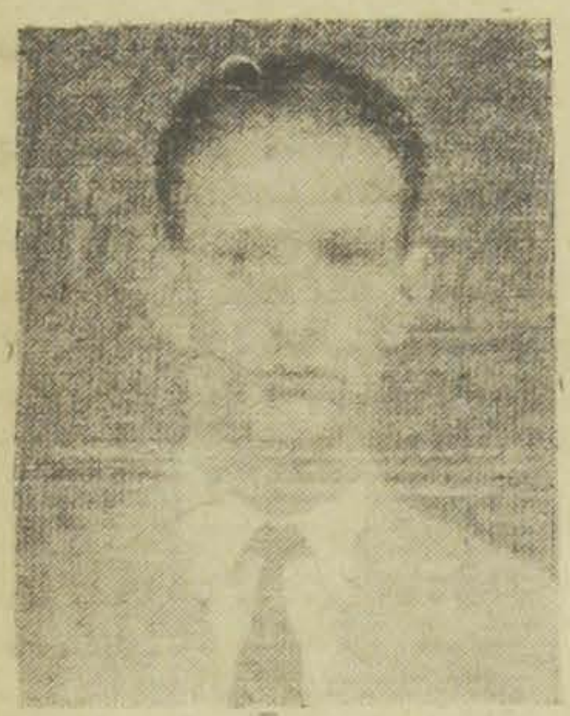
A BIBLIOTECA DO VATICANO — A FAMOSA BIBLIOTECA DO VATICANO OU SALA XISTO V. (FOTOGRAFIA REMETIDA DE ROMA PELO NOSSO CONTERRANEO DR. JOÃO ARRUDA, RESIDENTE EM SÃO PAULO, AO DR. CORALIO SQARES DE OLIVEIRA).

ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

DARCY DAMASCENO

III



Darcy Damasceno, nasceu em Niteroi, no Estado do Rio, em 2 de agosto de 1922. Em 1946 estreiou com POEMAS, em edição Pongetti. Tem no prélo, para sair ainda este mês, o segundo livro de poemas: FABULA SERENA. Publicará tambem este ano uma tradução do CEMITERIO MARINHO, de Valery com notas e prefacio de Roberto Alvim Correia. E trabalha atualmente num longo ensaio sobre Cecilia Meireles. Faz parte do grupo ORFEU e é um dos mais pessoais e dos mais significativos poetas da nova geração

ELEGIA

AGORA QUE O TEMPO CRESCEU
E SOBRE O TEU AMÔR DEITOU RAIZES,
DO FUNDO DE MINHA ANGUSTIA ME LEVANTO
PARA TRAZER-TE DE NOVO A VERDE ESPERA,
O SONHO INDIFERENTE, A MESMA CRIANÇA TRISTE.

QUIZERA NÃO VALER-ME DE MEUS SIMBOLOS
— CLARO AOS TEUS OLHOS, COLHER COMPRE-
[ENSÃO.
MAS, AHI, SE UM RIO FLUI, SE A ESPERA É VER-
[DE

E UM BÚZIO ROLA FRIAMENTE NA AREIA,
COMO FALAR-TE NUMA LINGUA ESTRANHA?
NÃO SOU DOS TEUS, ACASO. TALVEZ NUNCA PU-
[DESSES

CAPTAR A LIRICA MENSAGEM DE MEU CANTO
E Á PRAIA VIR UM DIA, PARA QUE A PAZ
DESCESSE Á LONGA, VERDE ESPERA JUNTO AO
[MAR.

NÃO SOU DOS TEUS, ENTANTO, AINDA UMA VEZ
AQUI ME TENS PARADO, BUSCANDO NOS TEUS
[OLHOS
O LEVE ASSENTIMENTO, O MAL ENTREFERRAR-SE,
COMO SE A CHAVE ENFIM, TIVESSES DESTA AN-
[GÚSTIA

CÉU MEDITERRANEO

CÔNCAVO MAR NÃO ÉSTE, MAS ANTIGO
DE BRANCURA E AZUL.
LIBERTOS VENTOS ESPADANAM LARGO
INVERTIDO VENTRE,

ALADA VIDA NO PROFUNDO VÓRTICE
DESPRENDE SEU VÔO,
SORVENDO O MAR, NÃO ESTE, MAS TAMBEM
COBALTO E PUREZA.

CÔNCAVO AZUL, TÃO PRÓXIMO DA ESSÊNCIA
TUA, E SEM EMBARGO,
CAMPO DE PASSAROS, PASTOS DE VENTOS,
MAR CONTRA ESTE MAR.

CANÇÃO

ABRI MINHA PORTA Á NOITE
QUE CHEGARA DOS CAMINHOS
ELA ENTROU, VIU A TRISTEZA
E ME ENVOLVEU, COMOVIDA.
ENCHEU MEU QUARTO DE AROMAS,
PÔS ESTRELAS NOS MEUS OLHOS,
LUARES NOS MEUS CABELOS,
BEIJOU-ME A BÔCA ESQUECIDA.

ABRI MINHA PORTA Á NOITE,
TÔDA A TRISTEZA SE FOI.
ACALENTOU-ME AO SEU SEIO,
DIZENDO-ME TERNA: ESQUECE-
MOLHOU DE FRIA PRATA
O ROSTO CONVALESCENTE,
FECHOU-ME OS OLHOS DE MANSO
E DISSE MEIGA: ADORMECE...

ACALANTO DO AMARGO

EMBORA O AMARGO, DORME,
DEITA A CABEÇA, LEVE
NA MESA DURA
E EMBORA O AMARGO, DORME.

MÃOS ESCORRENDO, AMIGAS
EM TEUS CABELOS
TRARIAM ALGUM CONSÔLO,
TALVEZ, QUEM SABE, O SONO.

MAS DORME, EMBORA.
DORME O SONO DE PEDRAS
DE ÁGUAS PARADAS, TRISTES
ONDE O SILÊNCIO MORA.

SEM MÃOS AMIGAS, DORME.
SILÊNCIO FRIO, SOMBRA,
ÁGUA DE POÇO, ACASO.
MAS AINDA ASSIM,
EMBORA O AMARGO DORME.

UM QUILOM

A COMUNIDADE
RADO NEGRO CUJO
RELATIVA SEGREG
PRIEDADE COLETI

Pratos e pifanos

Texto de
IVALDO FALCONI
Fotos de G. Stuckert

No sudeste de Alagôa Grande, nos limites com os municípios de Campina Grande, Ingá e Alagôa Nova, em um dos contrafortes da serra da Borburema, fica localizada a região denominada Caiana. Essa região que mede aproximadamente seis quilômetros de extensão por seis de largura, a 120 quilômetros apenas da Capital do Estado, é habitada por negros, que vivem em condições quasi primitivas e em estado de relativa segregação racial e cultural.

Apezar de fixados a apenas 18 quilometros da cidade de Alagôa Grande, poucas pessoas na séde do município conhecem o arraial onde habitam, porque o mesmo fica situado á margem das estradas e caminhos que seguem para Campina Grande e Alagôa Nova. E muito menos é o número dos que podem fornecer qualquer informação, mesmo vaga e imprecisa, sôbre a história, costumes e condições de vida daquela população.

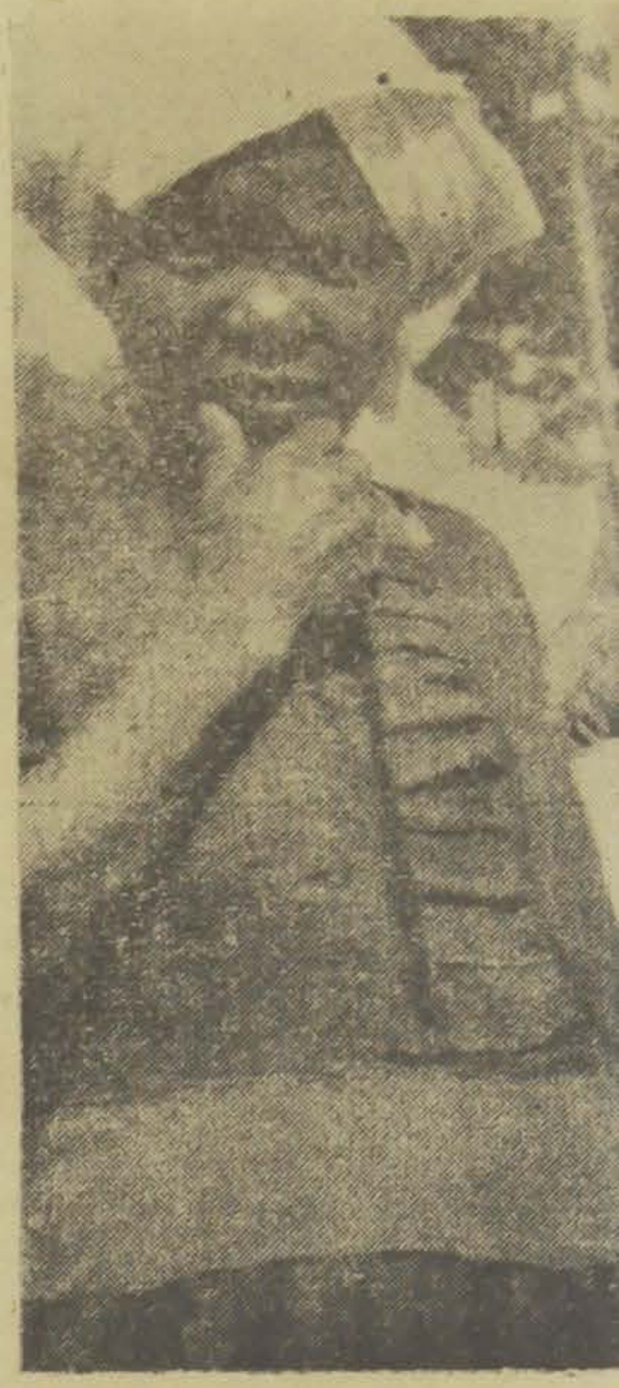
Embora habitantes de um município de população quasi toda predominantemente branca, de origem portugueza, não era de esperar que os "negros de Caiana", em virtude do contraste, fossem constituir objeto de pesquiza dos agricultores e fazendeiros locais, absorvidos pelos seus próprios problemas, dada a falta de estímulo para iniciativas de ordem intelectual que é característica da vida de nosso meio.

Os negros de Caiana continuam assim, ignorados e segregados, só entrando em contacto com o resto da população, quando, na festa do Ano Bom, mandam sua orquestra, uma cutilada a que dão o nome de "pancadaria", tocar na cidade, sob a batuta de mestre "José Punaro".

No dia 3 de fevereiro, em companhia do maestro José Siqueira, regente da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, que se encontrava na Paraíba fazendo estudos sobre nosso folk-lore musical, e do fotógrafo Gilberto Stuckert, visitei a comunidade negra de Caiana.

Em duas horas de automóvel, fomos de João Pessoa a Alagôa Grande, onde um nosso amigo Pedro Daví nos forneceu os cavalos nos quais viajamos para Caiana e um guia conhecedor da zona. Depos de três horas de caminhada por uma região accidentada de vêjetação rala, através de penhascos, onde mal existe como caminho a trilha das alimárias, chegamos á primeira habitação, a residência de mestre José Punaro. (O Govêrno do Estado está construindo uma estrada, ligando diretamente Alagôa Grande a Campina Grande, a qual passará naquela região).

Caiana fica localizada em um planalto a cêrca de quinhentos metros de altitude. Em uma área de seis quilômetros de extensão vivem mais ou menos tresentos negros, em cerca de cem habitações. Essas habitações feitas de barro e cobertas de palha, com apenas uma porta na frente e outra no fundo, não são aglomeradas em forma de arruamento. Como é sem dúvida, mais adequado em uma comunidade rural, cujos meios de subsistência se baseiam na atividade agrícola, as casas distam mais ou menos cincoenta metros uma das outras. O nosso guia nos pôs logo em contacto com José Punaro, o mestre da orquestra típica local e uma como espécie de chefe da comunidade, um negro bisonho, com roupas de algodão e chapéu de palha.



Ao cair da tarde

Chamou-nos logo a atenção a escassez do seu vocabulário, tão reduzido que o obrigava a um enorme esfôrço para se expressar, o que fazia lentamente e após alguma demora. De nosso lado foi necessário usarmos as palavras mais

A caminho da fonte, conduzindo potes, fabricados na região

ESQUECIDO

**CAIANA — UM AGLOME-
INDA SOBREVIVEM EM
US COSTUMES — PRO-
RA**

fetra de Alagôa Nova

Um sólo de pifano

samen-
afim
entên-
, aten-

dendo ao pedido do maestro José Siqueira, a orquestra constituida de sete figurantes todos parentes: José Punaro (preto), José Punaro Filho (bombo), José Téo e Antonio Téo (pífanos), João Téo (tambor), Mancel Téo (Caixinha), Augusto Luiz Caitano (Triangulo), foi reunida nò terreiro da casa.

A pancadaria executa quatro gêneros de música, que os seus integrantes chamam de "marcha", "baião, "tango" e "peça". Todas essas composições, á exceção da "peça", têm apenas uma parte, que é repetida indefinidamente.

O baião, conforme tivemos oportunidade de verificar, é o que apresenta mais rítmo originalidade e riqueza melódica.

A "peça", que dispõe de duas partes, representa já um avanço consideravel de técnica em relação aos outros gêneros.

Nenhum dos negros que interrogamos, mesmo os mais velhos, têm a menor idéia a respeito da origem dos primeiros habitantes da região e dos quais são eles descendentes. Nenhum, igualmente sabe dar qualquer informação sobre a vida e sobre os fatos mais recentes da história daquela comunidade. José Punaro, negro de quasi setenta anos e que é o chefe do agrupamento, apenas nos mostrou as casas em que moraram seu pai e seu avô. Não resta dúvida pois, de que a comunidade rural dos negros de Caiana tem mais de cem anos e de que muito antes da Abolição ela já existia. Tudo, por isso, leva a crêr que se trata dos restos de um quilombo, formado muito antes da Abolição, por escravos fugidos dos engenhos de Campina Grande, Alagôa Nova, Areia e Alagôa Grande. Vivendo em uma serra de acesso dificil e acidentado e ao tempo coberta de densa vejetação, longe das estradas, permaneceram alí ignorados.

Não é possivel siquer explicar a origem da denominação Caiana, com que são conhecidas tanto a serra existente como toda a região. A agricultura predominante é a do milho e a da mandioca, não existindo alí a cultura da cana de açucar que, em virtude do nome popular de uma de suas variedades, poderia servir de hipotese para explicação.

Por outro lado, seria temerária a hipotese de que a denominação decorra de terem vindo da Guiana Francêsa os primeiros negros que se localizaram na região, sendo o nome Caiana uma corrutela de Cayenne, Capital da referida Guiana. Essa afirmação dependeria de maiores indagações sôbre o assunto sobretudo do cuidado preliminar de verificar se o nome da Capital da Guiana Francêsa é anterior ao nome dado á região paraibana. Isso, porém, ultrapassa o limite de nossas cogitações, que é apenas o de despertar, em carater de reportagem, a atenção dos estudiosos.

Já depois da Abolição, adquiriram os negros com o produto do seu trabalho, uma vasta área de terra, que era explo-

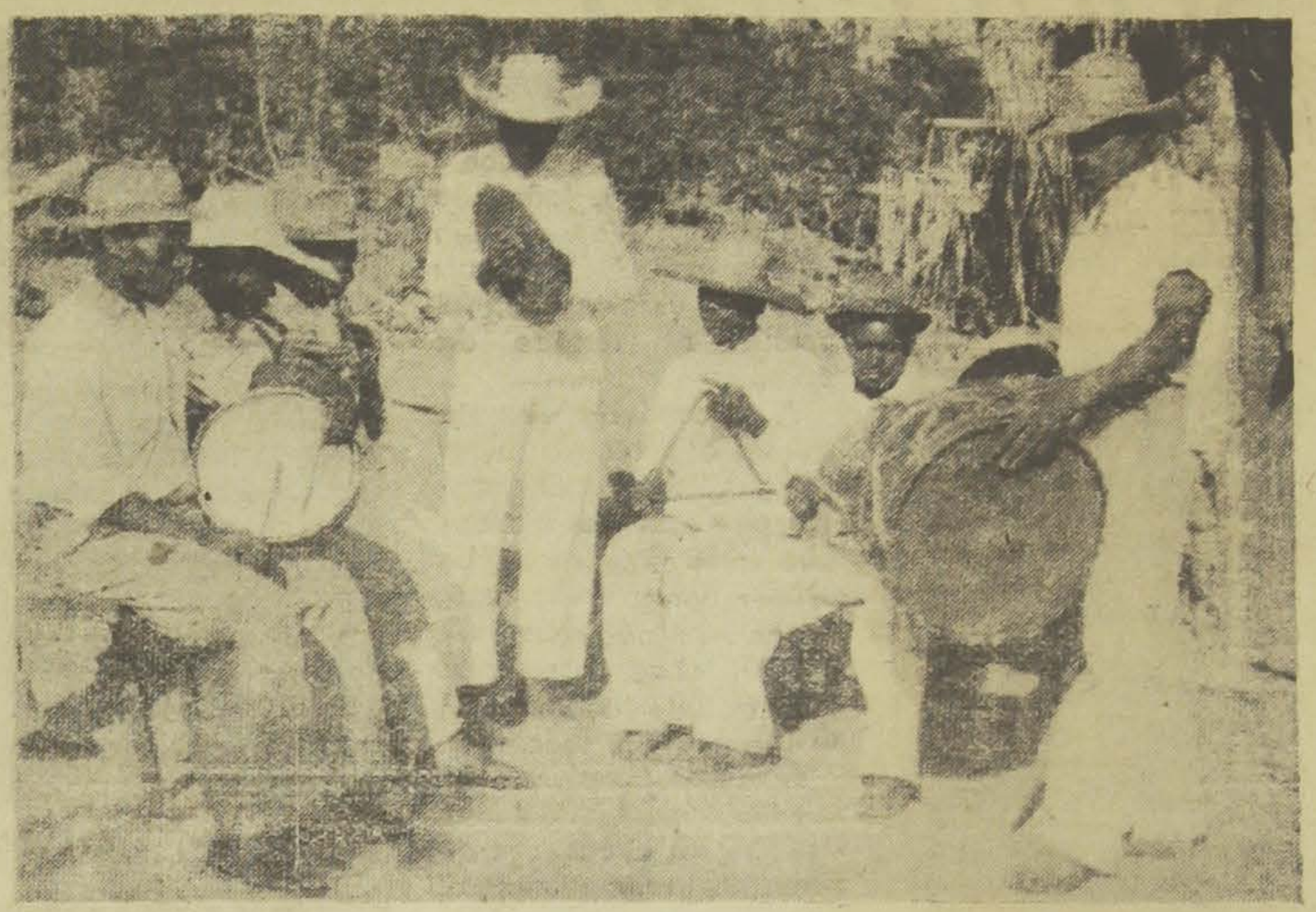
ento de uma taxa denominada "conga", a um proprietário visinho, os nègros de Caiana
ndióca de suas lavouras em farinha-Essa taxa é de dois litros em cada dez litros fabrica
dos. — A fotografia mostra flagrantes do trabalho na casa de farinha

rada como propriedade coletiva da comunidade e que hoje se encontra reduzida a uns vinte hectares. Grande parte de suas terras foram tomadas por proprietários visinhos, que, por meios violentos, as anexaram ás suas fazendas.

Atualmente muito poucos possuem terras. O maior número vive e trabalha em terras aforadas, pertencentes a proprietários visinhos, cujos domínios compreendem o território da comunidade.

Os membros da comunidade ainda guardam a lembrança dos seus últimos chefes José Lourenço e Caitano Paulo que o sucedeu.

Até bem pouco tempo os poderes do chefe eram os mais amplos. Decidiam sobre sucessão, fazendo a distribuição da terra entre os herdeiros no caso de um falecimento. Puniam os delitos de sedução, obrigando o acusado casar com a ofendida ou a dar-lhe os meios de subsistência, quando já era casado. Decretavam a expulsão dos seus súditos, quando qualquer deles casava com branca, fora da comunidade. Sómente nos casos de gravidade era o fato levado ao conhecimento das autoridades do município. Hoje, conforme nos adiantou José Punaro, a sua atuação limita-se a dar conselhos ás partes, nas pequenas desavenças, sendo tudo o mais levado ao conhecimento das autoridades da cidade.



Orquestra típica da comunidade, constituida de sete figuras: **triangulo, pratos, dois pifanos, bombo**, tambor e caixinha. E' interessante observar que o **mestre do conjunto**. José Punaro (de pé ao centro) toca **pratos**.

Profundas modificações já se processam aos poucos na estrutura social da comunidade, apagando-lhe os costumes e as tradições. A descaracterização chegou a um ponto que não foi mais possivel manter, de maneira absoluta, a segregação racial que era um tabú da comunidade. Alguns poucos habitantes, já não apresentam cem por cento os traços de pureza racial. E o pior é que não foram punidos nem estes nem os responsáveis com a pena de expulsão.

Mas há um aspecto de Caiana que pelo seu imprevisto é preciso ressaltar. Esperávamos que a comunidade negra pelo seu isolamento, pela ausência de contactos permanentes com outros grupos humanos, guardasse, como nenhuma outra, os traços da cultura africana. O que se verifica, porém, é que, inexplicavelmente, não existe alí nenhum vestígio aparente daquela cultura, na linguagem, na religião, nas festas, nos costumes. Nada ficou por tradição oral. Na própria música, uma música em que não existe o canto, o maestro José Siqueira não encontrou influência dos rítmos africanos, a não ser, em gráu muito pequeno, no gênero denominado "baião", que lembra o rítmo de um maracatú.

Não resta duvida de que a comunidade negra de Caiana apresenta, por isso, abundante material para estudos especializados, material que dia a dia se perde e descaracteriza.

Deixamos aqui — e é esta a nossa única intenção — um apêlo a esses especialistas.

Detalhe da Orquestra. Tambor e Caixa

O Existencialismo: o Novo Humanismo

WILTON VELOSO

Somente agora, e por intermédio do poéta Edson Regis, é que tive conhecimento de uma réplica feita ás minhas considerações sôbre o existencialismo pelo sr. Silvio de Macêdo. E o que mais me comoveu nêle, sinceramente, no sr. Silvio de Macêdo, o esclarecido ensaista alagôano, foi a sua constância, a sua inefável constância no plano dos princípios e das ideias. Nem de outro modo teria êle realmente o meu entusiasmo e a minha admiração. Ele parece estar sempre pronto, sempre solícito para corrigir um engano, reparar uma injustiça ou mesmo para esclarecer e combater qualquer heresia de algum petulante literáto da provincia. E faz tudo isso sempre que póde e o melhor que póde. Com a consciencia tranquila, plácida mesmo, sem grandes vôos, sem nenhuma inquietação, como se cumprisse uma determinação divina.

Este zêlo excessivo do jovem escritor alagoano pelas coisas do espirito e da cultura, me faz lembrar, não sei porque, daqueles lendários cavaleiros medievais — romanticamente heroicos — que salvavam misteriosamente as frágeis e pudicas donzelas na hora justa do seviciamento e da morte imerecida. Reparando-se melhor, porem, vê-se que êle nada tem de terrivel, nem de perigoso. Apenas isto: um romantico. Uma especie de romantico "à la carte", travestido de heroi para divertimento de leitores evadidos das páginas imortais de um Herculano ou de um Walter Scott. Parece mesmo adotar liricamente uma perêne atitude "literária" em face das coisas e do mundo. E tem muito de um certo personagem pirandeliano de quem se queixavam de fazer literatura até mesmo "quando apertava entre os braços uma mulher bonita".

Mas isso não vem ao caso. E longe de mim a intenção de censurá-lo por esta sua atitude defronte dos gráves problemas humanos. O que eu pretendo aqui não é outra coisa senão fazer com que o jovem critico se abstraia por um momento dessa posição puramente literária, e me entenda um pouco mais, um pouco melhor. Pois creio não ter sido tão obscuro e confuso, ou ainda tão ingênuo, como faz crêr a sua interpretação ao meu artigo publicado no "Correio das Artes" e intitulado: "Algumas sugestões para uma defêsa do existencialismo". Mesmo porque ao tratarmos de um assunto como o existencialismo, tão comentado, tão discutido em nossos dias, é preciso que o façamos com o cuidado e a devida seriedade que o mesmo exige. Ainda bem que não sou desses intelectuais que fazem da "pose" um cartaz para o seu renome, ledores constantes de Croce ou de Bergson no original, e que á noite torturam o craneo vaselinado á caça de um adjetivo para o proximo artigo erudito. Nem nada que se pareça com isso. Apenas ousei discordar do sr. Silvio de Macêdo, e será êste talvez o meu unico pecado.

Não quero nem desejo, porém, me penitenciar aqui desse "pecado" porque ainda julgo não ser ele uma das poucas coisas que poderia condenar-me às fogueiras "verinaculista e judicativa" do escritor alagôano. Ao contrário, muito ao contrário. Na sua ansia de tudo reparar, de tudo corrigir, o jovem critico é que se esqueceu de si mesmo, e para maior tristêsa minha, cometeu — pelo que veremos — alguns pecados mais gráves do que o meu.

Senão vejamos: começa dizendo, no seu artigo, não sei se por candura, se por inexperiencia, que não se deve dar resposta aos que emitem — reparem bem — "opiniões disparatadas sôbre esse novo movimento intelectual". Ninguem diria que o sr. Silvio de Macêdo, pelo seu tom professoralmente solene ao responder ás minhas sugestões, as quais denominou enfáticamente de "perplexidades" — pudesse ele dizer tantas inutilidades em tão poucas palavras. Pois, sem querer me sinto terrivelmente tentado a parodiar aquela frase famosa do velho heroi inglês. Mas vamos ao que interessa. E direi apenas isto: o existencialismo não é "nôvo", e muito menos um "movimento intelectual", mas filosófico.

Não é preciso ser um "profiteur" do existencialismo como se arvóra o sr. Silvio de Macêdo, para se saber que esse movimento filosófico tem as suas origens no pensamento mais antigo, podendo-se mesmo dizer que êle teve inicio nas primeiras manifestações e tentativas do conhecimento especulativo na filosofia tradicional. E se quizermos ascender ás suas verdadeiras fontes, como afirma A. Patri, teriamos de começar pelo Eclesiastes, pelo Livro de Job, e ainda por alguns trêchos do Livro dos Salmos e dos Evangelhos. Teriamos ainda, em Santo Agostinho, um dos seus precursores e no qual a intuição espiritualista da realidade se realiza numa plenitude exu-

"MIRA" — Escultura de Bruno Giorgi

berante de vida interior. E o seu "foris admonet, intus docet" é sem duvida nenhuma, uma grande conquista para a solução do problema da certeza psicológica ou da consciência como fundamento da verdade, que constitue inegavelmente o ponto de partida de toda a filosofia moderna. Dêle pôde ainda Kierkegaard extrair um dos maiores postulados de sua filosofia existencial: "a verdade está na subjetividade". O que tornou possivel necessariamente a investigação das "essências", o acesso metódico aos "objetos ideiais" e a concretização de uma verdadeira solução para o problema ontológico, empreendida contemporâneamente pelo filosofo alemão Martin Heidegger.

Adeanto ainda ao jovem ensaista que poderia incluir também os nomes de Nietzsche e Rainer Maria Rilke, o poéta místico, como autênticos representantes do pensamento existencialista. Direi, entretanto, ao sr. Silvio de Macêdo, que somente contemporâneamente o existencialismo conseguiu firmar-se definitivamente como movimento filosófico ganhando um novo vigor especulativo, mais puro e definido, nas pessoas de dois filosofos alemães de nossos dias: Edmund Husserl e Martin Heidegger. Representando duas possibilidades, ou melhor, duas perspectivas magnificas da filosofia contemporânea, fazem convergir para ela as suas mais puras e melhores fôrças especulativas: o idealismo fenomenológico husserliano e a ontologia existencial heidegeriana.

Husserl com o seu idealismo fenomenológico ajuda, por assim dizer, a restaurar no seu conceito de filosofia, o verdadeiro sentido de uma ciência universal, tal como era desde sua primeira formulação por Platão. A filosofia para ele, como contemplação das essências, é uma função supertemporal, subtraída pela sua propria naturêsa, ao devenir histórico. Seu campo de experiência é o da subjetividade transcendental. Afirma, então, em sua formulação fenomenológica que somente a subjetividade transcendental tem legitimo sentido do ser absoluto. (Ideen zu einer reinen Phanemeriologie. — Edm. Husserl).

Martin Heidegger, autor de "Sein und Zeit", pela sua posição intelectual, pelo vigor especulativo de sua filosofia, e ainda pelo sentido original de suas interpretações filosoficas, pode ser considerado o filosofo de maior significação do ocidente da época presente. O fundamento essencial do existencialismo heideggeriano reside na análise fundamental da existência humana, objetivo que tem para Heidegger — evidenciado no seu "Sein und Zeit" — o caráter de preparação para o verdadeiro problema ontológico.

Mas isto é apenas, em linhas gerais, uma breve noticia da evolução do pensamento existencialista até os dias atuais. Outros valores existem, sem dúvida nenhuma, com inegáveis contribuições para a verdadeira ascenção e continuidade histórica do existencialismo que não podem ser desdenhados ou esquecidos. Cada um dêles representando uma atitude mental, um ponto de vista, uma posição de luta no meio da multiplicidade infinita dêsse movimento filosófico que se caracteriza — como ja disse — por uma extrema mutabilidade, por um disponibilismo eterno, por uma permanênte tentativa de apreensão das verdades essenciais em constante devenir. São eles, por exemplo, um Karl Jaspers e um Gabriel Marcel, que pregam um existencialismo religioso (cristão) é, que procuram justificar em função do pensamento religioso, o caráter irredutivel do juizo da existência. Um Jean Paul Sartre, autor dos mais divulgados em nossos dias, pelo seu livro famoso "L'être et néant", no qual lança as bases de um existencialismo materialista e ateu. Quero deixar esclarecido aqui um outro equívoco do sr. Silvio de Macêdo, ao pretender, conferir este carater materialista e ateu ao existencialismo heideggeriano. Pois ao contrário, a ontologia existêncial de Heidegger possue um sentido profundamente espiritualista com fortes e visiveis influências de Santo Agostinho, Kierkegaard, Jaspers e até mesmo de Dilthey, como observou Georges Gurvitch, em seu livro "Les tendences actuelles de la philosophie allemande". Lembro ainda os nomes de Jean Wahl, George Bataille e Simone Beauvoir que se podem incluir como figuras representativas do movimento existencialista contemporâneo.

Todos êstes procurando imprimir aos seus pensamentos e ás suas obras o sentido inelutável de uma longa e singular continuidade histórica do pensamento existencialista, acrescentando á êle — pela aventura isolada de suas personalidades — a contribuição pessoal de suas experiências, para o descobrimento de novas e imprevistas verdades. Em todos êles, pois, está presente a convicção de que a primeira missão do filosofo deve consistir em dar á sua obra a nobresa do seu pensamento, sem trair a sua dignidade intelectual. Que a sua missão não é repetir o que os outros disseram, senão a de contribuir sinceramente com as energias criadoras e renovadoras do seu espirito para uma maior e melhor condição de cultura, no mais puro sentido do universal e humano. E por isso não fazem da existência um insípido e passivo jôgo de imitação, mas lhe dão um permanente sentido de luta e de renovação, imprimindo nela, com as suas experiências espirituais e morais, uma caracteristica eminentemente creadora e transcendênte.

Sentido mais intimo, mais fecundo da existência que permite alcançar os recantos mais desconhecidos da alma, e revelar, pelos mais imprevistos caminhos, a sua natureza essencial e dinâmica. Sem restringí-la, contudo ás limitações de um individualismo que impede ao espirito o acesso imediato ás fôntes mais puras da personalidade e do sêr.

O cêntro da reação existencialista, pois, consiste numa volta ao humanismo, numa volta á pessoa humana — e não ao individuo — em luta com o individualismo. E aqui está, finalmente, o ponto principal da divergência entre o sr. Silvio de Macêdo e as minhas sugestões. Para isso, muito disse e muito falou o jovem ensaista sôbre a sua já famosa tese: o existencialismo é um individualismo. Mas, como sempre acontece com quem muito diz e muito fala, o sr. Silvio de Macêdo muito se contradisse, e errou ainda mais. Pois apesar de suas extensas citações, de se apoiar sempre a constantemente na "evidência do texto sartriano", nada conseguiu mesmo assim para explicar e justificar a sua tese. As suas citações, efetivamente, são perfeitas, corretas mesmo, um mimo, não havendo nélas o menor descuido ortográfico ou qualquer outro. Deve constituir mesmo um orgulho para quem maneja assim tão bem o idioma que se foi a glória de um Proust, foi tambem, desgraçadamente, o ridí-

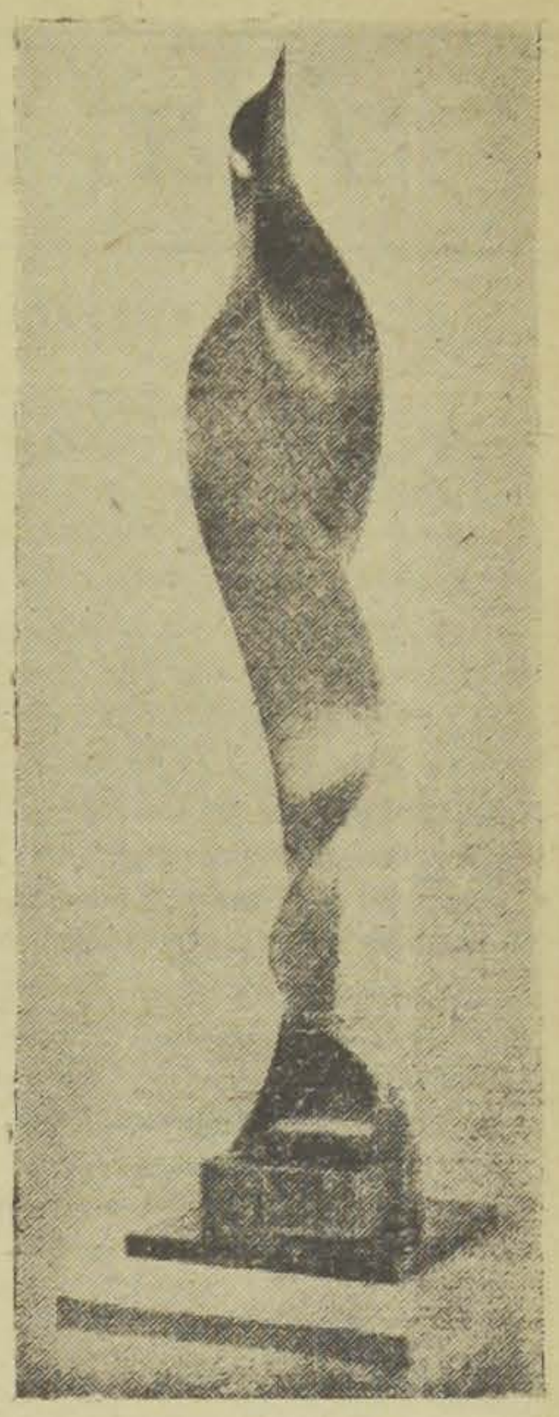
culo e a humilhação de um Ohnet ou Montherlant. Se o sr. Silvio de Macêdo, porém, diz uma coisa e faz outra muito diferente, a culpa não é minha. Nem de Jean-Paul Sartre. Mas sem duvida nenhuma, de sua própria interpretação que apesar de bem intencionada, esfoçada mesmo, não é evidênte, nem em nada esclarecedora.

Acredito que tenha sido muito sincero. Afinal de contas a sinceridade deve ser a qualidade essencial de um escritor. Pois falsificar um pensamento deve ser tão grave como fingir um choque de banco ou falsear assinatura alheia. Mas porque, sem honestidade intelectual nunca seria possivel um verdadeiro entendimento entre os homens de lêtras, que jamais chegaria a uma solução pacífica dos seus problêmas e dos seus conflitos. Suas lutas teriam o caráter de uma irremediável farsa, ao mesmo tempo, interminável e inconsequente.

Um dos "evidêntes textos sartrianos" citado pelo sr. Silvio de Macêdo — eu prefiro reafirmar as minhas conclusões ajudada pelo próprio, ensaisia — diz mais ou menos o seguinte: "Notre point de départ est en effect la subjectivité de l'individu, et ceci pour des raisons strictement philosophiques". Aqui está pois, um ponto esclarecedor do verdadeiro pensamento sartriano, mas que, infelizmente, escapou à interpretação do sr. Silvio de Macêdo. Pois, como vêmos, pelas próprias palavras de Sartre o ponto de partida de sua filosofia está na "subjectivité de l'individu". O jovem critico, porém, preferiu fazer-se esquecido do termo "subjetividade", para lembra-se tão somente do outro, "individuo", talvês mais sonoro e suave para efeitos de suas conclusões. E por isso, no seu artigo, elas tornam-se tão dóceis á vontade do nosso ensaista. Mas agora, dispensando por momento a sua ajuda, devemos concluir que o existencialismo sartriano, em que pese ser o mais radical e "realista", tem uma qualidade que excede infinitamente um puro estado individual: a subjetividade. Uma subjetividade transcendental, que não é produto de construções especulativas, mas um dominio absolutamente independente de experiências diretas, com suas vivências transcendentais, suas faculdades, e suas próprias tarefas. E nesta superação do que é estritamente individual ou pessoal, que concede ao homem o poder de transcender a si mesmo, é que consiste todo o valor e grandêza do existencialismo contemporâneo. Como afirma Husserl, a subjetividade é um reino encerrado em si, porêm, infinito. Somente pela subjetividade, que é uma qualidade imanênte da existência, póde o homem atingir a verdade ôntica. Dêste modo, a verdade ontológica se funda na transcendência da existência, cuja forma essencial é a propria subjetividade. Trancendência que não se limita em tornar possivel a verdade ontológica, mas, como essência fundamental da existência, ela torna também possivel o conhecimento ôntico.

Esta afirmação, aliás não implica numa grosseira recaida no 'subjetivismo" antropologista ou psicologista, depois de tantos anos de superação desta posição pela critica fenomenológica. Mas ao contrário, esta inclusão retroativa da filosofia existencial abre um novo caminho para uma definitiva solução do problêma ontológico. Pois, a essência da autêntica subjetividade, como diz Heidegger, "não tem nada de subjetivo, no sentido de um "eu" isolado". E acrescenta: "desde o momento que a existência (o conjunto de estruturas da existência humana, consideradas em sua unitária totalidade) existe, é um existir "com outros", um coexistir. O "outro", o coetaneo, somente é compreensivel porque á existência é essencialmente coexistência, um sêr "com outros". (Sein und Zeit — M. Heidegger). Para êle o coexistir é uma determinação ontológica da existência, mesmo no caso em que o outro "eu" não esteja presente ou "nem seja percebido". Ou ainda: "o estar só da existência e um coexistir no mundo". Max Scheler chega a admitir um "eu extranho" como a verdadeira estrutura ontológica do coexistir. Donde se conclue que o existir é essencialmente, transcender, ou melhor, coexistir. E se o existêncialismo coloca o problema da existência nestes termos, ele não é, como pretende o sr. Silvio de Macêdo, um individualismo radical, um egocentrismo. O homem seria, nêste caso, uma especie de bicho da sêda: tirando tudo de si e para si mesmo. O que não acontece, absolutamente, não acontece. E' verdade que o existêncialismo recoloca no homem o cêntro de suas investigações e sondagens espirituais ou metafisicas, mas somente enquanto isso possa servir para elevá-lo acima da estrutura interna da existência humana, para por meio de uma curiosidade dinâmica do pensamento, aprender as verdades essenciais do devenir histórico. O existêncialismo, pois, poderá ser chamado, exatamente, um novo humanismo. Humanismo que encara o individuo na sua universalidade, e não apenas no sentido restritamente pessoal e egocêntrico.

E querer, como é desêjo do sr. Silvio de Macêdo, conferir ao existencialismo um carater individualista absoluto, é o mesmo que pretender subtrair dêle justamente aquilo que êle possue de mais fecundo e grandioso: a capacidade de transcender a existência humana. Tornam-se agora oportunissimas àquelas palavras de Fichte: "Tudo o que o homem possa fazer como creatura finita, e com fins meramente pessoais, é quasi sempre nada, e terminará sempre em nada". Esta será também, de certo, a grande lição que o existêncialismo nos dá e comunica. Que é a de lutar por um universal acésso á vida verdadeira e luminosa das ideias, exprimindo sempre e constantemente um insaciavel desejo de perfeição humana.



CHAMA — BEOTHY

"Na Espadana Branca"

UMA PLAQUETE

VERISSIMO DE MELO acaba de publicar mais uma plaquete denominada ACALANTOS, prosseguindo assim nos seus estudos de folclore, que tanto interesse têm despertado nos meios culturais do país e do estrangeiro.

Lançada pela revista cearense CLA, a nova plaquete evidencia mais uma vez o entusiasmo e o espírito de pesquiza do jovem folclorista do Rio Grande do Norte.

Verissimo de Melo sente-se satisfeito na sua especialidade e parece não desejar intrometer-se em outros terrenos. Daí a firmeza de seus estudos e a cultura com que os desenvolve, fundamentando-se em fontes seguras, ao mesmo tempo pondo em ação o seu valor de pesquizador.

Discipulo de Camara Cascudo, respirando a mesma atmosfera em que vive mergulhado o seu mestre, o jovem folclorista não se cansa de aprofundar-se na rica tradução popular do nordeste, observando, comparando e analizando os seus elementos. A sua contribuição ao folclore brasileiro demonstra muito bem o interesse e o esforço que vem dedicando à cultura nacional. — C.

EXPOSIÇÃO DE REVISTAS CULTURAIS

DEPOIS de amanhã, terá início, nesta capital, a Exposição de Revistas Culturais, ultimamente aparecidas no país.

O referido certame realizar-se-á no HALL do Teatro "Santa Rosa" e vem despertando muito interesse em nossos meios literários.

Serão expostos numerosas publicações, em sua maioria dirigidas pelos representantes da nova geração intelectual, destacando-se: ORFEU, REVISTA BRANCA, REGIÃO, COLEGIO, JOAQUIM, CADERNO DA BAHIA, QUIXOTE, SUL, REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, RESENHA LITERARIA, BANDO, CLA, ILHA, EPOCA, MOCIDADE, NORDESTE, ESTUDANTES e FUNDAMENTOS.

RESENHA LITERARIA N.º 5

JÁ se encontra em circulação, nesta cidade, o número 5 da RESENHA LITERARIA, revista dirigida pelo escritor Perminio Asfora e outros intelectuais pernambucanos.

Apresentando selecionada colaboração e moderna feição gráfica, RESENHA LITERARIA ocupa hoje um lugar destacado no movimento intelectual do país.

"O HOMEM NORMAL"

EIS uma obra que vem despertando a atenção do mundo literario e cientifico do país. Trata-se de um volume lançado pela Vecchi e que difere dos lançamentos habituais da referida editora.

O HOMEM NORMAL, ESSE DESCONHECIDO de autoria do dr. Alejandro Raitzin é uma obra substanciosa, de antropologia e sociologia.

No prefacio à tradução brasileira, feita por Liberio Rangel de Andrade e agora lançada, o saudoso Afranio Peixoto escreveu, comparando a envergadura e o alcance do livro de Alejandro Raitzin com a famosa obra de Alexis Carrel, de título parecido: "Carrel é um ensaista; Raitzin, um tratadista. Um tateia a filosofia; o outro alcança a técnica".

MARASMO NA LITERATURA

EM entrevista concedida ao jornalista José Augusto Guerra, no matutino O JORNAL, do Rio, a escritora patricia Clarice Lispector estranhou que certo marasmo esteja envolvendo nossos escritores. Pelo que viu nos suplementos, parece ter desaparecido o entusiasmo da critica. Não se escreve sobre livros de escritores nacionais. Enquanto o sr. Tristão de Ataide se preocupa com o trabalho e a questão social, citando as encíclicas, a Biblia e Santo Thomaz, o sr. Otto Maria Carpeaux, como sempre, demora-se em tratar do que se faz ou se fez no estrangeiro. E o sr. Alvaro Lins silencia.

1.º CENTENARIO DA MORTE DE BALZAC

REINA grande entusiasmo em torno das proximas comemorações do centenário da morte de HONORE DE BALZAC, por parte do Instituto Balzaqueano, que tem como diretor e fundador o escritor Santiago Gastaldi.

O sr. Santiago Gastaldi é um profundo conhecedor da obra do escritor francês. A sua dedicação tem sido objeto de altas distinções por famosas academias e institutos culturais.

Agora mesmo o Governo da França, em recompensa ao seu entusiasmo, considerou-o membro Correspondente da Academia do Pensamento Francês.

TORSO — Bronze de José Pedrosa

UMA BANDA E TANTO

JOÃO DA VEIGA CABRAL

NO TEATRO SANTA ROSA assisti, pela manhã do dia 6 deste mês, a um interessante festival, um dos vários programados pelo I Congresso de Música do Nordeste. Foi este um concêrto promovido pela Banda de Música da Policia Militar do Estado.

Aquela hora de um dia comum, de trabalho, não havia uma localidade vaga no salão e nos camarotes da veranda cosinha de espetáculos. E, entre os espectadores, o silencio e a atenção reinantes atestavam bem o prazer que fruíam, naquela audição.

O povo desta cidade sempre teve e ainda continúa a ter uma grande e bem justificada admiração pelo nosso tradicional doniunto de sopro e percussão. Isto porque a nossa velha banda — hoje já em marcha batida para o seu primeiro centenario — sempre foi bôa, desde a sua fundação; chegou a ser, por varias vezes, muito bôa, e sabe manter-se, agora, na altura de excelente. Tudo que um corpo musical da sua classe e das suas finalidades pode almejar de conquistas e de glorias ela alcançou, fartamente, durante a sua vida pregressa. Uma vida muitas vezes atribulada porém sempre afirmativa de progresso e de eficiencia artistica.

Ouvi-a, como tantas e tantas vezes a tenho ouvido, desde a minha infancia, com a minha velha e insaciavel gula musical intensamente deliciada. "E' banda e tanto — pensei, durante a audição — esta inveterada tocadora das marchas da Policia Estadual". E — francamente — não creio que o seu ouvinte, por mais conciente que seja o seu gosto musical, possa apontar defeitos graves na sua execução. Porque esta é sempre límpida, veemente, equilibrada, tanto quanto lhe podem permitir o seu aparelhamento instrumental e as possibilidades técnicas do seu material humano. Os seus instrumentistas são, examinados izoladamente, na maioria ótimos. A afirmação impecavel, os timbres bem dosados, potencia sonóra e harmônica notavel, um veludoso e claro melodismo de embocaduras e palhêtas e, mais, o colorido e a graduação dinâmica convincentes, — são qualidades que se deixam perceber, de logo, a uma audição atenta do nosso glorioso conjunto bandistico, impondo-o, incontestavelmente, entre os melhores que o nosso País possúe, em gênero, classe e número de tocadores.

A cidade se honra, e com muita razão, na sua muito querida "Banda da Policia", como lhe chama, na intimidade fraternal de todos os dias. De "Piano do Norte" cognominaram-na entusiastas admiradores de outros Estados. E o apelido pegou, como todo aquele que exprime uma imagem real. O povo desta bôa tribu tabajara quer bem a ela, que vem, há perto de um século, sonorizando, sentimentalizando — em retrêtas, concertos, passeatas, festanças e funeráis — todos os momentos solenes da sua vida provinciana. Tristesas e atribulações, alegrias e entusiasmos cívicos sempre nela encontraram uma correspondencia musical, um reflexo sonóro coletivamente satisfatórios...

— X —

O programa executado na mencionada audição não foi dos mais fáceis para a adaptação bandistica. Trechos selétos e partituras integráis de música lírica e sinfônica foram, porém, tocados a primor. A disciplina e a cooperação pessoal, no conjunto, faziam-se sentir, muito claramente. A regencia do tenente-mestre Adauto Camilo é de bôa classe e revela não somente experiencia como um bom gôsto digno de aplausos. Conhece a sua arte, a sua profissão e o material de que dispõe. Mestre Adauto Camilo está mantendo a nossa filarmônica — com a ajuda do competente contra-mestre tenente Pedro Neves da Silva — á altura das suas honrosas e já históricas tradições. O integral sucesso do concêrto do dia 6 é uma prova de que ela está em bôas mãos.

ANTOLOGIA DE POETAS PARAIBANOS

(CONCLUSÃO DA ULTIMA PÁGINA)

Pelas tardes de verão,
dôce encanto é contemplar
as ondas que vão, que vêm,
nessas areias sem fim...
Se a imagem da artista então,
alcançá-la o meu olhar,
vêjo-a já noutra visão,
a de uma sílfide assim,
por sobre os mares além
surgindo do próprio mar!

ASFIXIA

O esquecimento me sufoca
e me persegue na asfixia
abafadora de alegria.
Anda comigo noite e dia,
e quem não sabe o seu pensar
que é a noite e o dia nos tomar.
No coração onde êle toca,
rítmos é estímulos parar.
Nunca está só o esquecimento
[illegible] o silêncio do seu lado vem,
e os dois tendo um só pensamento
se entendem e se querem bem.
Enquanto o silêncio êste acalma
turbilhões que revolvem a alma
dos sonhos, pouco a pouco, o olvido
desfia e desfaz o tecido
até que fique transparente
e os sonhos vão-se totalmente.
Se toco eu mesmo no meu peito,
sinto como o tornaram frio
e pôlo o coração vazio
[illegible] já quase desfeito
ainda a querer palpitar,
iluminado por um luar.

Correio das Artes

ANO I NÚMERO 27 — SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" — JOÃO PESSOA — 25 DE SETEMBRO DE 1949

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

ODILON NESTOR

1874

Odilon Nestor de Barros Ribeiro, nasceu na vila do Teixeira, a 26 de fevereiro de 1874, aí mesmo fazendo os seus primeiros estudos e também a prática do francês e do latim, sob a orientação do padre Xavier de Farias, latinista.

No ano de 1887 matriculou-se no colégio pernambucano Instituto Acadêmico, onde fez o curso propedeutico. Em 1890, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 26 de maio de 1894. Seguindo para o Rio de Janeiro, dedicou-se à advocacia e ao jornalismo. Voltando ao Estado natal, foi promotor público e juiz municipal de S. José do Egito. Em fins de 1898, deixou aquele cargo e voltou à Capital do País, sendo, então, nomeado promotor público de Rio Branco, no Estado de Minas Gerais. Daí, tornou a voltar para a capital do seu Estado onde passou a dirigir "O Comércio", órgão oposicionista. Eleito deputado estadual e secretário da Câmara, logo depois abandonava a política, sendo nomeado juiz substituto seccional do Maranhão, cargo que não aceitou, tendo sido distinguido, a 31 de janeiro de 1901, com a Procuradoria da República, em Pernambuco.

Em 1907, por concurso, veio a ocupar a cadeira de Direito Internacional da Faculdade de Direito do Recife.

Homem culto, tendo viajado por toda a Europa, conheceu a Africa e, através da Asia Menor, do Oriente Próximo e do Oriente Médio, esteve no Império das Indias, onde visitou Benares.

Publicou: "Juvenilia", versos, Editor Dom. de Sampaio Ferraz, Pernambuco, MCMVI; "Faculdade de Direito do Recife — traços de sua história", 1930; "Aproximações", ensaios, Ariel Editora Ltda., Rio, s. d.; "Atenas, Roma e Jesus", ensaio, Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1943; "O Barqueiro das Sombras", versos, Recife, Pernambuco", 1945.

EM VIAGEM

AGORA eu sigo à sombra do sol posto,
no frouxo esmorecer da Ave-Maria...
Não tarda em vir a noite! E a nostalgia
virá com ela me cobrir o rosto...

Nem vejo a casa! O desejado encosto,
que se esconde por traz da serrania,
temo que fuja, como foge o dia,
deixando n'alma um travo de desgosto!

Longa, sem fim, insípida a jornada!
Subo a escarpa monocroma, sozinho,
ao passo lento do animal na estrada.

Casaes de rôlas vêm buscando o ninho...
— Da lua nova a curva delicada
avisto além... da curva do caminho.

NO BOSQUE

A Aníbal Freire

Aqui, na verde sombra do arvoredo,
à grata voz da múrmura corrente,
sinto minh'alma abrir-se docemente,
como as flôres mimosas do silvedo.

Cantam aves tão lindas no balsedo,
e há tanto ninho tépido e contente!...
Beija a orla dos bosques a torrente,
que desce além, dos cimos do rochedo.

Entre os galhos da moita verdejante
brinca um raio de luz que o sol desata,
engastado no azul como um diamante.

E eu ouço o flébil respirar da mata,
que bem parece um colo palpitante,
de que o rio se fez colar de prata.

A DANSA DAS VAGAS

As vagas doidas ao luar
estão na praia a dançar.
Nunca baile estranho assim
à beira-mar alguém viu.
Uma artista se vestiu
de vestido verde-mar,
para entre as vagas bailar,
no mais belo desvario,
um bailado ao desafio,
na areia fluida sem fim...

Mas entre as vagas ficou.
Debalde a artista buscou,
na tela em que se perdeu,
o caminho que a levou,
e que de todo esqueceu.
Por onde, agora, voltar?
Tudo alí é um só clarão:
de céu, de areia, de mar.
E as vagas doidas estão
na luz da lua a valsar.

Esperança é só o que tem,
— e é já ventura esperar —,
de na onda, que inda vem
com outras ondas também,
poder um dia volver,
ou ser vista por alguém.
Se entre as vagas não ficar,
perdida no imenso mar,
eternamente a viver,
eternamente a bailar...

(CONCLUI NA PÁGINA 15)